



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Oise de Oliveira Mattos Bazzoli

*Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho/FCLAr
oise.bazzoli@yahoo.com.br*

Cido Rossi

*Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho/FCLAr
aparecido.rossi@unesp.br*

A presença do medo no conto “Cortes Island”, de Alice Munro

RESUMO: O presente artigo propõe fazer uma análise do conto “Cortes Island”, de Alice Munro, a partir da presença do medo, ou seja, como os personagens reagem ao medo do outro e como esse sentimento influencia o comportamento e a vida da protagonista. A análise terá como fundamentação teórica as considerações de Yi-Fu Tuan sobre o medo e suas paisagens e a concepção de Wolfgang Kaiser sobre o grotesco que envolve a narrativa, tornando o espaço estranho e sinistro. Desse modo, propõe-se apresentar a presença do medo como mais que um simples tema na obra de Munro mas como um dos princípios organizadores de sua escrita.

Palavras-chave: Alice Munro; Literatura Gótica; Medo; Grotesco.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITORA ALICE MUNRO



Alice Ann Laidlaw nasceu no dia 10 de julho de 1931 em Wingham, Ontário, no Canadá. Foi distinguida com alguns dos mais importantes prêmios literários, dos quais se destacam *Man Booker International Prize*, em 2009, e o Prêmio Nobel da Literatura, em 2013, aos 82 anos. Venceu também por três vezes o Prêmio Governador Geral do Canadá para Ficção. A Academia Sueca designou-a como "mestre do conto contemporâneo".

Alice Munro começou a escrever histórias quando tinha doze anos, imitando histórias de aventuras como "A Pequena Sereia", de Hans Christian Andersen, e mais tarde tentando escrever algo parecido com *Wuthering Heights*, de Charlotte Bronte, o que define como a maior influência em sua vida literária. Para ela, não eram histórias de sonhos – ela era capaz de apreender o que era o gênero de ficção e sente hoje que o impulso em imitá-las a definiu como escritora em potencial.

Estudou na Universidade de *Western Ontario* com uma bolsa de estudos para frequentar o curso de jornalismo e língua inglesa por apenas dois anos. Quando a bolsa encerrou, ela viu no casamento a sua única escolha naquele momento. Casou-se com seu primeiro marido, James Munro, mudou-se para Victoria, Vancouver, onde abriram uma livraria e Alice começou a publicar trabalhos em várias revistas. Embora admita que o marido aceitasse sua condição de escritora, nos próximos vinte anos seu tempo para escrever seria entre suas tarefas domésticas como esposa e mãe, o que explica sua preferência pelo gênero conto. Como explicou a Graeme Gibson (2012) em uma entrevista: "em vinte anos não houve um dia em que não tive que pensar nas necessidades dos outros. E isso significa que escrever tinha que ser feito aos poucos... Acho que foi milagre eu ter produzido alguma coisa."

Sua primeira coleção de histórias foi publicada em 1968, intitulada *Dance of the Happy Shades*. Três anos depois publicou *Lives of Girls and Women*, na tentativa de escrever um romance, como foi sugerido por seus editores mas que finalizou como uma coletânea de contos, sem romper definitivamente com a noção de continuidade, característica de seus contos. Sobre escrever romances, a autora diz que não



consegue escrever um romance, perdendo seu interesse nesse tipo de escrita e que quando estava com um terço de um de seus livros escritos decidiu dividi-lo em partes, pois a escrita em fragmentos permite que ela escreva realmente o que quer.

Para MARTIN (1984, p.194 – Tradução nossa), “Sua arte é um contraponto complexo de verdades opostas em um modelo memorável de vida e realidade.” e sua nacionalidade muito contribui para essa estratégia artística pois suas descrições realistas do sudoeste de Ontário retratam cenas familiares que facilitam a introdução do estranho, do misterioso, do desconhecido e até do fantástico, e esta união entre familiar e estranho cria um senso de ironia e duplicidade de observação em relação à região e às pessoas, permitindo que se explore a luta canadense com a identidade evidenciada na escritora. Ainda para Howells (1987), o fato de Munro ter, desde muito jovem, tentado esconder sua ambição pela escrita, de acordo com os padrões da época, fez com que suas personagens camuflassem suas determinações. Escritora e personagens são surpreendidas pelas discontinuidades entre a normalidade da cidade e vidas e mundos secretos que permeiam as aparências de normalidade.

Munro vai além da observação de suas raízes locais; ela utiliza seu amplo conhecimento sobre história social e psicológica para fazer parte da realidade das mulheres canadenses. É na representação complexa e irônica das experiências, sua atenção com a linguagem, suas atitudes perante a identidade e sua relação com a estrutura da ficção que o conto obtém essa dimensão grandiosa. Sua preocupação não é com o sentido do tempo em si mas com a maneira pela qual o tempo se torna real e faz com que o leitor não tenha essa percepção. Ela não está preocupada com o desenvolvimento de suas personagens mas sim em ver a vida delas em flashes, observar a vida através de um número extenso de anos mas sem continuidade como se ela fosse fotografada instantaneamente. Ela tem a habilidade de retratar o modo pelo qual as pessoas estão ou não relacionadas ao que elas eram anteriormente. (Hancock, 1987, p.200)

O ESTRANHO QUE ASSUSTA NA ESCRITA MUNROVIANA



"Cortes Island" é um conto de Munro presente na coletânea *The Love of a Good Woman* (1998). A autora apresenta a personagem narradora de 20 anos, sem nome revelado, voz em primeira pessoa, revisitando fatos ocorridos no passado e que marcaram sua vida por muitos anos. Recém-casada com Chess, funcionário de uma firma de atacado de doces, o casal aluga um apartamento no porão da casa da família Gorrie, em Vancouver, no ano de 1950. Vindos de famílias conservadoras que consideravam o sexo antes do casamento inaceitável e repugnante, enquanto o sexo depois do casamento aparentemente nunca era mencionado, o casal decide pelo matrimônio em busca de uma vida sexual mais ativa e livre. Por isso, ter um lugar e uma cama só para eles, onde podiam fazer o que bem quisessem, parecia maravilhoso.

Contrastando com os dois jovens, aparece o casal Gorrie. Descrita como uma mulher bisbilhoteira, lamuriosa e controladora, a senhora Gorrie apelida pejorativamente a narradora de "noivinha" e impõe que lhe faça visitas a fim de aconselhá-la sobre tarefas domésticas, sua postura com o jovem marido, o modo de se vestir, entre outros conselhos. Em cada uma de suas visitas, comendo biscoitos com gosto de serragem, "Eu desejava bocejar e bocejar no meio da manhã, sair rastejando, esconder-me e dormir." (MUNRO, 2000, p.120 – Tradução nossa) De acordo com a descrição da narradora, o senhor Gorrie é um homem de ombros largos e cabeça grande. Impossibilitado de falar em decorrência de um derrame, passa os dias sentado em uma poltrona reclinável próximo à janela da sala. Temerosa de olhar nos olhos de pessoas debilitadas por derrames ou outras doenças pois trazem maus presságios, a jovem evita olhar nos olhos do senhor. "Não era a visão dos membros inúteis ou outros sinais físicos da triste sorte dessas pessoas que eu tinha que evitar, e sim seus olhos humanos." (MUNRO, 2000, p.122 – Tradução nossa) Contratada pela esposa para passar algumas tardes com ele, seu único modo de comunicação eram grunhidos, resmungos e pigarreadas. Esses sons soavam como quase palavras para ela e os ouvia não apenas como afirmações e pedidos mas também como sentenças complexas.



Em uma das tardes junto ao senhor Gorrie, utilizando-se desses sons guturais, ele sinaliza para a mesa com revistas e recortes de jornais e a jovem compreende que deve ler artigos do impresso "Vancouver Sun": um deles com a data de 17 de abril de 1923 com a manchete "Cortes Island" e o outro artigo datado de 4 de agosto de 1923. Ambos noticiavam um incêndio que destruiu a casa de Anson James Wild em Cortes Island culminando com sua morte e a fuga do filho de 7 anos para um bosque nas redondezas, em busca de abrigo. Na ocasião, a esposa passeava de barco com um amigo e, quando retornou, deparou-se com a tragédia.

A protagonista, em busca de realizar seu desejo desde criança em ser escritora, é obstinada por leitura: "Ainda me encontrava naquele estágio de apetite incontrolável, da voracidade que chega às raias da agonia." (MUNRO, 2000, p.124 – Tradução nossa) Gosta de escrever páginas e páginas em seus cadernos que muitas vezes são descartadas no cesto de lixo de seu minúsculo quarto por não corresponderem às suas expectativas. Por isso, decide procurar um emprego na livraria Kitsilano e, tão logo é contratada, desperta a fúria e a loucura da senhora Gorrie, que a humilha com palavras indelicadas e passa a hostilizá-la mais e mais. "Não precisamos de você nessa casa. Quanto antes você sair melhor." (MUNRO, 2000, p.143 – Tradução nossa)

SOBRE O MEDO DO DESCONHECIDO

Na introdução de seu livro *O Horror Sobrenatural em Literatura* (2008), H.P. Lovecraft sugere que o medo é a emoção mais antiga e mais forte da humanidade, e o tipo de medo mais antigo e poderoso é o medo do desconhecido. O medo como causa; a causa final. Ao refletir sobre o medo, várias imagens surgem em nossa mente: medo do escuro, do sobrenatural, de animais peçonhentos e selvagens, de doenças, catástrofes, violência, medo do outro. O que é medo, então? Tuan (1979, p. 10) entende que o medo é um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é desencadeado por um evento inesperado no meio ambiente e o que vem à mente é enfrentar ou não essa

situação. A ansiedade, por outro lado, é uma sensação difusa do medo, é um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que o justifique e a necessidade de agir é refreada pela ausência de qualquer ameaça.



No presente artigo, procura-se discorrer sobre a presença do medo na narrativa de Alice Munro e, em especial, o medo do outro e como esse sentimento influencia o comportamento e a vida da jovem personagem. Além disso, busca-se evidenciar como essa arte narrativa pode provocar reações emocionais em seus leitores. Observa-se em várias passagens do conto o confronto entre a protagonista e a senhora Gorrie – uma jovem recém-casada e cheia de sonhos e uma mulher intrometida, possessiva e perturbada. Desde o início de seu relacionamento, a jovem se sente incomodada com sua presença, suas maneiras e sua voz. O modo como se refere a ela de “nossa noivinha”; sua mania de se intrometer na vida do casal – certa vez chamou a atenção da moça por lavar roupas brancas e coloridas juntas e o quanto isso indicava a pouca atenção dispensada ao marido; o fato de bisbilhotar em seu cesto de lixo para descobrir o que ela escrevia são exemplos do quanto a relação entre as duas era inquietante. E quanto menos a protagonista procurava demonstrar não se importar, maior era a implicância da outra. Para se livrar da presença da senhora Gorrie, a narradora algumas vezes fingia não estar em casa, fazendo silêncio absoluto, apagando as luzes e até mesmo evitando o barulho da descarga do banheiro. Em uma de suas poucas falas, o marido Chess diz “Ela tem raiva de você”. “Porque você é moça e bonita e ela é uma bruxa velha.” (MUNRO, 2000, p.143 – Tradução nossa) Uma bruxa velha. Yi - Fu Tuan postula que as bruxas são inimigas internas incógnitas e é por isso que provocam tanto mal-estar; elas são uma força para o caos total e estão associadas com outras formas ou manifestações de caos, tais como noites escuras, animais selvagens, campos indômitos, montanhas e tempestades. (Tuan 1999, p.168) Pode-se associar então a senhora Gorrie à figura de uma bruxa, observando-se o modo como sua presença vai se entremeando na vida da jovem, seduzindo e ao mesmo tempo gerando repulsa e medo, pois

fingia admirar seu modo de vida, seus diferentes hábitos e seu estranho modo de combinar as roupas toda manhã.



A senhora Gorrie viveu em Cortes Island, uma ilha distante e isolada no arquipélago das Ilhas Discovery, na costa da Colúmbia Britânica, no Canadá. Em 2016 tinha apenas 1.035 residentes permanentes. A única escola está fechada desde então. Os únicos meios de se chegar lá são avião ou balsa. Recebeu esse nome em 1792 durante a expedição de Hernán Cortes, auxiliado pela índia Malinche, sua intérprete, conselheira e amante, que teve um papel importante no auxílio da conquista do território mexicano, uma vez que falava ao menos três línguas. Por esse motivo Malinche seria o símbolo nacional da traição por ter auxiliado na conquista ao invés de permanecer ao lado de seu povo mexicano¹. É importante também ressaltar que histórias narradas em ilhas são, geralmente, sobre solidão. Cortes Island funciona como uma metáfora para os sentimentos de isolamento da personagem. Não por coincidência, Munro escolhe essa ilha para situar a personagem da senhora Gorrie e sua possível infidelidade. E, associando a imagem que a protagonista tem da senhora Gorrie como a possível responsável pela morte do marido, é importante mencionarmos então a descrição feita pela jovem, dizendo que seu cabelo era da cor vermelha e suas sobrancelhas tinham um tom rosa avermelhado semelhante; seu rosto era fino, avermelhado, cheio de vida; dentes grandes e brilhantes – tentando perceber a figura de uma bruxa má na mulher cujo olhar repressor causava-lhe medo e repugnância, questionando sempre por que ela a perseguia e não a deixava em paz. “Ela não podia. Eu era um desafio à altura dela – talvez minhas peculiaridades, minha inépcia se equiparassem às deficiências do senhor Gorrie, e o que não podia ser consertado, tinha de ser suportado.” (MUNRO, 2000, p.128 – Tradução nossa)

Bruxas são necessárias para explicar os desastres pessoais que na maioria das vezes são imprevisíveis. Pessoas comuns, qualquer pessoa – um vizinho ou até um parente mais próximo – podem ser bruxas. Pessoas que encontramos diariamente e que sorriem com tanta simpatia podem tramar feitiços que causarão infortúnios e tragédias. (Tuan, 1979, p.170) O geógrafo sino-americano afirma que “no mundo todo, os traços antissociais das bruxas são muito semelhantes porque em todas as comunidades duradouras os valores sociais básicos são



quase iguais”, entre eles, o respeito pela vida, pela propriedade e pelas regras da conduta sexual são os mais importantes. As bruxas não somente escolhem indiscriminadamente suas vítimas como também matam, destroem e não têm controle sobre seus impulsos estando fortemente associadas com noites escuras, montanhas e tempestades. Na obra, não há uma indicação clara se o incêndio que destruiu a residência de Anson James Wild ocorre no meio da noite ou no início da manhã, mas podemos associar o fato com algo criminoso; em inglês a palavra “arson” significa incêndio criminoso e por coincidência Munro escolhe o nome próprio de Anson para seu personagem, o que torna possível a associação do fogo com poderes malignos vindos de uma bruxa. A casa foi reduzida a cinzas pelas chamas, o madeiramento havia despencado, o corpo do senhor Wild estava irreconhecível entre os detritos e uma lata de querosene foi encontrada entre as ruínas. Sob essa perspectiva, “A morte do senhor Wild foi considerada acidental e devida a um incêndio de causa desconhecida.” (MUNRO, 2000, p.136 – Tradução nossa) Esse foi o resultado da investigação sobre as causas do fogo; não houve provas de que o fogo havia sido criminoso e a presença da lata de querosene não foi aceita como evidência.

França (2017) no capítulo Medo e Literatura, postula que quando a fonte de medo não representa um risco real a quem o experimenta, entramos no campo das emoções estéticas e o exercício de tais sensações parece ser capaz de produzir diversos efeitos estéticos como o sublime, a catarse, o grotesco, entre outros. A narradora não menciona a notícia sobre a morte do senhor Wild para seu marido mas a visão de ambos sobre os Gorries era a mesma: “grotesca”. Como seres humanos e olhando atentamente ao nosso redor, nos deparamos com sinais abundantes de vida e ao mesmo tempo, sinais de deterioração e doença. Aceitamos esses ritmos da natureza como necessários para nossa evolução mas não aceitamos a doença e nem a morte como um fim inevitável da vida. Passando os dias em uma cadeira de rodas após sofrer um derrame, o senhor Goorie representa uma imagem estranha para a protagonista.



dentaduras), com as obturações escuras transparecendo ameaçadoramente através do esmalte molhado. O fato de ele continuar vivo e habitar o mundo me parecia um erro passível de ser corrigido a qualquer momento. (MUNRO, 2000, p.131- Tradução nossa)

A imagem do velho na cadeira a perturbava tanto a ponto de associá-lo a um ser monstruoso que emitia sons estranhos para se comunicar com o mundo. Para ela, a figura grotesca representava algo que já estava morto. "Por que ele não morreria, se já parecia pelo menos semi-morto" (MUNRO, 2000, p.131- Tradução nossa) Considerado pela jovem uma "reliquia", o senhor Gorrie é descrito como um antigo guerreiro de épocas bárbaras chamado Eric Blood-Axe, o segundo rei da Noruega que reinou entre os anos de 930 e 934. Ao receber o poder de seu pai, entrou em disputa com seus irmãos. Decapitou quase todos os dezoito irmãos, exceto um, Haquino, que se refugiou na Inglaterra. Foi apelidado em latim como *fratris interfectore*, "assassino de irmãos". É perfeitamente concebível que o seu codinome, traduzido como Machado Sangrento, advenha da sua propensão para o fratricídio ou por suas agressivas e violentas incursões Vikingsⁱⁱ.

Munro utiliza-se de dois versos do poema de Charles Mackay, relembrando a época em que o chefe viking morreu e seu corpo, colocado em um barco, ficou à deriva e posteriormente pegou fogo e afundou no mar: "Minhas forças se vão rapidamente, o rei dos mares disse a seus homens. Jamais voltarei a navegar os oceanos como um conquistador." (MUNRO, 2000, p.132- Tradução nossa) Tal cena revela a imagem da decadência do corpo do velho atingido pelo derrame e arrastando-se com uma bengala pelos corredores da casa enquanto fazia sua expedição rumo ao banheiro.

Em seus estudos literários, Wolfgang Kayser considera o grotesco uma categoria estética bastante ampla, encontrada em diversas manifestações artísticas, que expõe o horror que negativiza e a representação do mundo como algo desordenado e inacabado, através de perturbações de ordem moral, corporal, espacial entre outras, usando imagens exageradas e atrofiadas. Para Kayser (2013), o grotesco é um mundo tornado estranho; o conhecido e familiar de repente se revelam sinistro e estranho. Para nós, o mundo estranho aparece como ridículo satírico e absurdo.

"O grotesco é também o absurdo e, nesse sentido, não só

ocorre no mundo irreal e fantástico, mas também na realidade que passa por racional." (VÁZQUEZ,1999, p. 291)

Há no grotesco certa destruição da ordem normal; há, no cheiro que exala do corpo do senhor Gorrie, algo semelhante a um couro endurecido, com suas excreções e seu calor animal com odor de urina; sentia como se entrasse na toca de uma fera sarnenta mas ainda poderosa quando ia ao banheiro após ele ter estado lá.

Pessoas com sequelas provenientes de derrames ou outras doenças traziam um mau augúrio e lembranças abomináveis para a jovem e por isso, evitava olhar nos olhos humanos. Compreende-se aqui o medo como o resultado de um juízo que se faz sobre o mundo, sobre quão ameaçadores o outro, os objetos, os animais e situações podem ser; o quanto nos sentimos desprotegidos, inseguros, vulneráveis e conscientes de perigos que não se manifestam de modo claro. A insegurança e a falta de acreditar em seu potencial tornavam a protagonista uma pessoa vulnerável e cada vez mais temerosa em relação ao outro, que representava uma fonte de intimidação nas situações cotidianas mais simples.

Não se entristecia ao saber que a vaga de emprego que disputava havia sido preenchida; tinha medo de entrar nas lojas à procura de emprego pois achava que suas roupas, sapatos e seu cabelo deporiam contra ela, achava que seria mal recebida e repreendida aos berros e então despedida de qualquer emprego; temia não conseguir apreender como usar uma caixa registradora e mostrava grande falta de confiança quando participava de entrevistas de empregos. Era vulnerável economicamente e isso a assustava e deixava ansiosa.

E finalmente na época do ano em que as árvores do parque próximo ao apartamento da jovem floresceram com seus botões cor-de-rosa "brilhantes como pipocas com colorido artificial", ela finalmente começou a trabalhar na biblioteca Kitsilano em uma função que podia desempenhar no balcão, carimbando a data de entrega nos livros. Sentia um enorme prazer em ajudar as pessoas, ser vista por elas como alguém que entendia das coisas, que tinha uma função precisa no mundo e ser considerada competente e simpática; sentia-se aliviada por abandonar as perambulações, os devaneios e se tornar a garota da biblioteca





e não mais a “noivinha”. A senhora Gorrie não a felicitou por ter conseguido o emprego, ao invés disso, passou a humilhá-la e odiá-la ainda mais. “Vagabunda. Olhem só a vagabunda, como ela empina os peitos e sacode o traseiro. Está pensando que é Marilyn Monroe?” (MUNRO, 2000, p.143 – Tradução nossa) Nesses

momentos o passado recente da jovem parecia-lhe vergonhoso. Horas por trás da cortina da alcova, horas sentada à mesa da cozinha enchendo páginas e páginas com seus textos fracassados, horas num aposento superaquecido com um velho, a história pavorosa sobre o incêndio que ele a fizera ler. Recordar tudo aquilo era como lembrar um período de doença na infância quando passara muito mal, eram tempos muito mais do que lamentados e deveriam ser descartados da memória, embora fizessem parte da sua história. “Seria possível imaginar que o casamento tinha operado tal transformação, mas não foi isso que aconteceu, por algum tempo.” (MUNRO, 2000, p.140 – Tradução nossa) É o olhar de quem revisitou o passado revestido por sentimentos de angústia e desejos ocultos misturados com situações estranhas e bizarras. “E se ela tiver uma arma e me atirar pelas costas?” (MUNRO, 2000, p.144 – Tradução nossa) perguntou a jovem ao marido no dia em que se mudaram do apartamento para um novo lar.

As descrições munrovianas dos cômodos e objetos da casa também trazem ao texto riqueza de informação para que se compreenda a narrativa. Era na sala de jantar que a jovem tomava café com a senhora Gorrie e observava que as xícaras e os pires combinavam entre si; havia um espelho octogonal que refletia um cisne de louça, guardanapos de mesa bordados, uma cristaleira onde eram exibidos belos copos, conjuntos para servir creme e açúcar, saleiros e pimenteiros, vasinhos para botões de flores, uma chaleira em forma de bangalô e castiçais em forma de lírios. Entre goles de café e algo para comer, a jovem ouvia a senhora Gorrie aconselhá-la sobre as roupas a serem usadas dentro e fora de casa, o uso de maquiagem para ficar dentro de casa mas nunca de forma clara, sempre com palavras que causavam mal-estar e dúvidas transformando o lugar em um ambiente desagradável para se permanecer. A idosa também gostava de dar conselhos sobre sua vida matrimonial. “Seu



maridinho é tão sisudo! Tenho que rir, ele sempre me lança um olhar muito sério quando o vejo entrando ou saindo." (MUNRO, 2000, p.120 – Tradução nossa) e sobre como se vestir para procurar um emprego: "Eu não sairia nunca de sapatos de salto baixo e sem maquiagem, nem que fosse para ir até o armazém.

Muito menos se fosse pedir a alguém para me dar um emprego." (MUNRO, 2000, p. 128 – Tradução nossa)

O assoalho da sala de visitas do apartamento em que o casal vivia formava uma verdadeira colcha de retalhos. "Lembro-me do assoalho da sala de estar, coberto com sobras quadradas ou retangulares de linóleo." (MUNRO, 2000, p.123- Tradução nossa) O linóleo aparece aqui e em várias outras histórias munrovianas descrevendo o espaço onde a ação ocorre. Na narrativa, tal imagem expressa os sentimentos negativos da jovem que vive no espaço subterrâneo e claustrofóbico de um porão, escondido do mundo lá fora; observamos que a justaposição desses dois espaços - dentro e fora de casa - forma uma imagem que representa a narrativa, ou seja, a busca da personagem por uma ordem diferente da que foi apresentada, formando assim uma imagem propícia na construção do medo que se vivencia, que ele é apenas uma parte de um mundo que jamais conheceremos, causando a sensação de insegurança e vulnerabilidade. A cama ficava numa alcova que era uma simples continuação da cozinha; o espaço era tão pequeno que, na hora de deitar, o casal tinha que subir pelos pés da cama. Havia uma cortina para separar a alcova da cozinha; era uma velha colcha com franjas amarelas e um desenho de rosas arroxeadas e folhas verdes, lembrando formas de fantasmas. A cortina representava a lembrança mais vívida que ela tinha do apartamento pois estava associada ao prazer e bem-estar, evocando o que ela mais gostava no casamento; e também representava a recompensa por ser apenas uma "noivinha" e ter que encarar a cristaleira ameaçadora naquele lugar intimidador.

A cena da cristaleira recriada pela narradora-protagonista pode ter vários significados, entre eles, uma testemunha muda que sobreviveu ao fantasma de um passado obscuro da proprietária; se pensarmos que a maioria das

cristaleiras possui vidros e algumas até espelhos, ela poderia representar alguma deformidade ou dualidade sempre que a



jovem via sua imagem refletida; poderia representar a imagem repressora e estranha refletida da velha e porque não os desejos ocultos e o lado irracional das personagens – seus medos, segredos, o lado grotesco do ser humano se refletindo nos vidros da peça. Como a protagonista não demonstra sinais de afeição pelo lado repulsivo da senhora Gorrie, é na cristaleira que a velha está representada; sua vida é tão vazia e seu modo de encarar a vida tão frívolo que toda semana ela tira o pó e reorganiza tudo o que tem dentro dela.

Ainda percorrendo sobre o espaço, mas agora sobre a ambientação do cenário ligado à estação do ano, a personagem descreve o inverno em Vancouver que, embora marcado pela ausência de ventos muito frios e neve, está associado à vizinhança onde a narradora reside como um lugar ermo e deteriorado já que o frio está mais ligado à ideia de um mundo solitário, oculto e sombrio.

No meio do dia, eu sentia um cheiro de açúcar queimado no centro da cidade – acho que tinha a ver com os fios dos bondes. Seguia pela rua Hastings, onde não se via nenhuma outra mulher – só bêbados, vagabundos, velhos pobres, chineses arrastando os pés. (...) Passava diante de armazéns e terrenos baldios onde nem homens eram vistos. Ou atravessava Kitsilano, com suas altas casas de madeira entupidas de gente que levava uma vida dura, como nós (MUNRO, 2000, p.127 – Tradução nossa).

Estão presentes no trecho acima elementos góticos na constituição do espaço que gera o medo, na rua com seus bêbados e vagabundos perambulando para sobreviver; elementos utilizados na descrição de sua vizinhança, casas de madeira cheias de moradores vivendo vidas tão difíceis quanto a sua. São imagens apresentadas na narrativa como ficcionalizações do medo, o medo de qualquer pessoa em relação ao outro, ao seu espaço, à velhice e à morte. Nesses lugares as luzes, os lampiões das ruas e as luminárias dos bondes eram acesas por volta das quatro horas da tarde e era comum ver o reflexo rosado do lusco-fusco através dos arbustos. Associada a essa imagem de sombra aparece a senhora Gorrie, com uma estola e boina de lã roxa e sua pesada maquiagem rosada, empurrando o senhor Gorrie em sua cadeira de rodas pelo parque. “Ela me saudava num tom estridente e dominador, enquanto a saudação dele era inexistente.” (MUNRO, 2000, p.128 – Tradução nossa) Mais uma vez

personagem e paisagem se fundem na representação da maldade humana encontrada nas trivialidades do cotidiano.

Ao mesmo tempo em que o senhor Gorrie era visto como uma besta humana, as tardes que passava ao seu lado fizeram com que a visão da protagonista se tornasse diferente e acabasse se acostumando com ele, "Ele era corpulento, com uma cabeça grande e respeitável, o largo peito arfante e a mão direita imóvel pousada sobre a longa coxa envolta na calça, ele invadia todo o meu campo visual enquanto eu lia." (MUNRO, 2000, p. 131, 132 – Tradução nossa) Cohen (1996) aponta que o monstro pode ao mesmo tempo aterrorizar e evocar fantasias escapistas; a ligação de monstruosidade com o proibido faz com que o monstro se torne mais atraente. Essa é a relação entre a jovem e o idoso, descrito como uma criatura estranha e monstruosa.

Através do corpo do monstro, fantasias de agressão, dominação e inversão são aceitas como seguras em um espaço liminar claramente delimitado. O prazer escapista dá lugar ao horror apenas quando o monstro ameaça ultrapassar esses limites, para destruir ou desconstruir as finas paredes de categoria e cultura (COHEN, 1996, p. 17).

Ao mesmo tempo em que temia a figura apavorante do homem, sua presença e mais tarde sua lembrança eram capazes de acordá-la para os prazeres do corpo, do deleite simples e fugaz de se assustar ou ser assustada e da experiência da morte. O ser humano desconfia e abomina o monstro ao mesmo tempo em que inveja sua liberdade e talvez seu sublime desespero. É como se o velho espreitasse de sua cadeira a presença da jovem com medo, ansiosa e seduzida, quase um estado de degradação. A partir desse momento, o monstro - senhor Gorrie – torna-se um agente delimitador de comportamentos proibidos, seduzindo e evocando fantasias na jovem. Anos depois já em uma de suas novas moradias, com filhos e dizendo haver perdido a conexão com o marido, a "noivinha" diz que o senhor Gorrie aparece em seus sonhos, eram sonhos eróticos e neles ele era forte e ágil mas não era jovem e ela era sua amante, antes mesmo dele ter conhecido a senhora Gorrie, uma vez que "De vez em quando tinha esses sonhos nos quais o ataque, a reação, as possibilidades iam muito além do que a vida normal oferecia. E dos quais era banido qualquer elemento romântico. Assim como a decência." (MUNRO, 2000,





p.144 – Tradução nossa) Sonhava que a cama deles era uma praia de cascalhos ou um convés áspero de um barco ou torturantes rolos de cabos lambuzados de óleo; sonhava com o olho gelatinoso, o cheiro penetrante do seu corpo e seus dentes de cachorro. Acordava desses sonhos sem nenhum assombro ou vergonha, tinha a impressão de ser uma experiência mútua que durou por muitos anos e, sem dúvida, bem depois morte dele. O medo inspirado pela figura do velho combina-se com uma espécie de desejo inquietante de estar no lugar da senhora Gorrie, de ter vivido a experiência de um possível caso amoroso com ele na época em Cortes Island. Esse sonho parece ocupar grande parte da sua vida trazendo-lhe angústia e inquietação e indicando também a solidão e o isolamento que a protagonista vive ou poderá viver como dona de casa em seu futuro.

Assim como suas histórias que acabavam amassadas e jogadas na lata de lixo de seu pequeno apartamento, essa é a narrativa de um momento de revisitação ao passado da vida da jovem que ela mantém secreta e que oferece um profundo contraste à realidade de sua vida rotineira. Apesar de dizer que está satisfeita com sua vida matrimonial, percebe-se que ela preenche seus dias alimentando-se dessas fantasias grotescas e selvagens. Da mesma forma como há mistérios na vida da senhora Gorrie que estão encobertos e causam transtorno e desconforto na jovem, essa revisitação quando bem jovem traz a ela a possibilidade de se inserir nessa trama que ela considera bizarra mas satisfatória para seus desejos mais ocultos.

E o barco, o cais e o cascalho na praia, as árvores que apontavam para o céu ou se curvavam, inclinando-se sobre a água, o perfil complexo das ilhas em volta e as montanhas turvas mas mesmo assim bem visíveis, tudo parecia existir numa confusão natural, mais extravagante e ao mesmo tempo mais trivial do que qualquer coisa que eu pudesse fantasiar ou inventar. Como um lugar que continuará existindo, esteja você lá ou não, e que de fato ainda está lá (MUNRO, 2000, p. 145 – Tradução nossa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do medo no conto munroviano está delineada na narrativa da história de vida da protagonista,



que ao lembrar os momentos vividos na residência dos Gorries com seu marido, descobre a verdadeira essência das pessoas e o quanto seus comportamentos podem ser maléficos e perturbadores. Na verdade, cada um de nós pode se transformar em um monstro, já que monstruosidades não são cometidas apenas por monstros. E nós, humanos, criamos nossos próprios monstros.

Há no conto analisado um mundo de segredos muito além do que se vê cotidianamente mas que nem sempre é discutido. A personagem quando jovem não foi capaz de perceber a origem de seu medo mas com suas reflexões e o passar do tempo, foi capaz de perceber a vida cotidiana como o espaço de um mundo sombrio e secreto sobrecarregado de escândalos, violência e mortes repentinas.

REFERÊNCIAS

- COHEN, Jeffrey. *Monster Theory. Reading Culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- FRANÇA, Júlio. Medo e Literatura. In:_____ (org.) *Poéticas do Mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920)* Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. p.36-52
- GIBSON, Graeme. Alice Munro: Interview. *Eleven Canadian Novelists*, p. 241-263, Toronto:Anansi Press, 1973.
- HANCOCK, Geoff. Alice Munro. *Canadian Writers at Work: Interviews*. Toronto: Oxford UP, 1987.
- HOWELLS, Coral A. Alice Munro. *Manchester*: Manchester University Press, 1998.
- KAYSER, Wolfgang. *O grotesco*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- LOVECRAFT. Howard P. *O horror sobrenatural em literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- MARTIN, W.R. *Hanging Pictures Together. The Art of Alice Munro: Saying the Unsayable*. Waterloo: University of Waterloo Press, 1984.p.21 -34.
- MUNRO, Alice. *The Love of a Good Woman*. New York: Vintage Books, 2000.
- TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do Medo*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Convite à Estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.



Recebido em 25 de abril de 2020.

Aprovado em 05 de maio de 2020.

THE PRESENCE OF FEAR IN THE SHORT STORY "CORTES ISLAND", BY ALICE MUNRO

Abstract: The present article proposes an analysis of the short story "Cortes Island", by Alice Munro, from the perspective of the presence of the fear, showing how the characters react to the other person's fear and how this feeling influences the behavior and life of the protagonist. The analysis will have as theoretical foundation the considerations of Yi-Fu Tuan about the fear and its sceneries and the conception of Wolfgang Kaiser about the grotesque that surrounds the narrative turning the space into something strange and sinister. Thus, it is intended to show the presence of fear as more than a simple theme in Alice Munro's oeuvre but as an organizing principle of her writing.

Keywords: Alice Munro; Gothic Literature, Fear; Grotesque.

219

ⁱ (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Malinche>. Acesso em 20 de jan. de 2020).

ⁱⁱ (Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Erik-I>. Acesso em 20 de jan. de 2020)